

# Mapeando um país dividido

## VIOLÊNCIA ARMADA E URBANIZAÇÃO NO BRASIL

O Brasil, um país com praticamente nenhum registro de conflitos violentos em sua história, se destaca hoje pelos seus altos índices de violência armada. A vitimização pelas armas de fogo aumentou consideravelmente entre 1970 e 2004, quando foram divulgados os primeiros sinais de queda. O índice de mortes por armas de fogo aumentou de sete para 21 mortes por 100 mil habitantes no período que vai de 1982 a 2002.

O noticiário cobriu a escalada da violência armada no país exaustivamente, mas de forma simplista. As notícias têm o foco voltado para ataques violentos e espetaculares perpetrados por organizações criminosas nas principais cidades brasileiras, mas fecha os olhos para os efeitos letais da violência rotineira e comum das armas de fogo, um fenômeno tão rural quanto urbano no país.

**Os índices de vitimização por armas de fogo no Brasil superam os de alguns países em guerra.**

O Brasil é uma sociedade com índices de vitimização por armas de fogo que superam os países em guerra. A ausência de conflitos políticos significativos requer a análise de outras causas para explicar este fenômeno. O que significa se concentrar nos “microcontextos” onde indivíduos e pequenos grupos interagem e agem uns contra os outros. Na linguagem da saúde pública, isso equivale a concentrar-se nos riscos e nos fatores de proteção no trabalho com a violência armada dentro da sociedade brasileira.

Este capítulo faz uma revisão da incidência da violência armada nos 5.507 municípios brasileiros. Entre as principais conclusões estão:



Dois homens jovens, um segurando uma arma, protegem suas identidades ao serem filmados sobre sua vida na favela. © Viva Rio

- Os homicídios com armas de fogo estão relacionados à urbanização, mas os suicídios não.
- Os homens são 17 vezes mais propensos de serem vitimados pela violência armada nas áreas urbanas do que as mulheres, mas esta diferença diminui nas áreas rurais.
- Armas de mão e armas automáticas são mais comuns nas áreas urbanas do que nas áreas rurais, onde predominam as espingardas. Diferentes tipos de armas estão mais associados a diferentes tipos de usos e usuários.
- Constituem importantes fatores de risco da violência armada: ser jovem (entre 15 e 29 anos), estar fora do sistema educacional e não ter um emprego formal.
- A variável “família sustentada por mãe solteira com filhos abaixo de 21 anos sem trabalho” está claramente associada à violência armada.
- Os riscos de vitimização por homicídio com arma de fogo variam de acordo com o grupo étnico, sendo negros e mestiços mais propensos a serem vítimas do que brancos. Os brancos, no entanto, são mais propensos a cometer suicídio do que negros e mestiços.
- Quanto mais baixa for a renda, maiores as chances de o indivíduo ser vítima de um homicídio por arma de fogo. O contrário é verdadeiro para o suicídio: rendas altas estão associadas a auto-mutilações e mortes.
- A participação em grupos religiosos (Igreja Católica ou Protestante) é um fator de proteção contra a violência armada.
- Apesar de a posse de armas ser mais comum nas áreas rurais do que em contextos urbanos, as áreas rurais têm menor índice de mortes por arma de fogo.

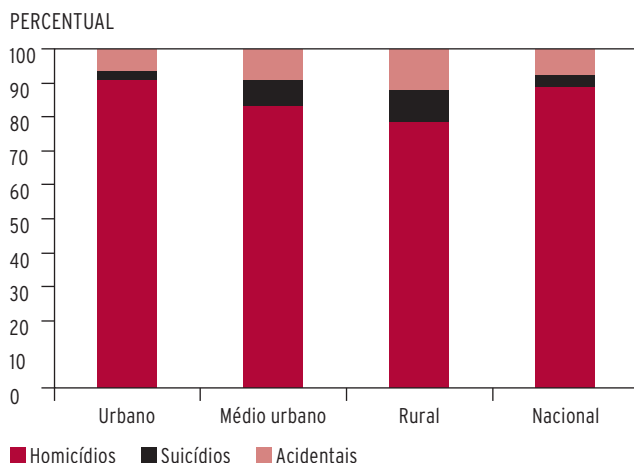
O capítulo usa fontes oficiais de informação demográfica e de dados relativos a mortes por armas de fogo. Utiliza também o estudo sobre disponibilidade de armas do Instituto de Estudos da Religião (Iser), Viva Rio e *Small Arms Survey*. Descreve os padrões de homicídio e suicídio por município, idade, gênero e grupo étnico. Apresenta, então, os resultados de uma análise regressiva múltipla aplicada a uma série de determinantes sociais chave da violência armada urbana e rural tanto para os homicídios quanto para os suicídios com arma de fogo.

**Os jovens estão sob maior risco no Brasil, particularmente os desempregados e os que abandonaram a escola.**

O capítulo vai além das medidas geralmente usadas na análise de riscos nas cidades (X eventos por 100 mil habitantes), descobrindo que elas mascaram diferenças internas significativas. No Rio de Janeiro, por exemplo, a Zona Sul da cidade concentra recursos e proteção contra a ameaça da violência armada em contraste com a Zona Norte e a Zona Oeste, raramente visitadas pelos turistas. O índice de homicídios em São Conrado, uma bela vizinhança localizada na Zona Sul, é 50 vezes menor do que em Bonsucesso, na Zona Norte da mesma cidade. O Complexo do Alemão, em Bonsucesso, está quase 100 anos atrás de São Conrado em termos de desenvolvimento humano, nos atuais índices de crescimento.

Finalmente, o capítulo avalia algumas das discrepâncias entre os municípios. Localidades cujos índices de homicídio por arma de fogo são mais altos do que o esperado, como aquelas cruzadas pelas estradas próximas às fronteiras, onde o comércio de drogas, armas e outros produtos ilícitos é intenso; estradas que vão do “Polígono da Maconha”, no estado de Pernambuco, ao litoral, onde a droga é consumida; e aquelas próximas ou dentro de regiões onde existem conflitos de terra. Os municípios cujas taxas de homicídio são menores do que as esperadas são os que freqüentemente se beneficiam de circunstâncias especiais de proteção, como melhores práticas de administração pública e de desenvolvimento humano ou são voltadas para o turismo religioso ou ambiental.

**Figura 7.1 Mortes por armas de fogo no Brasil por causa (%), 2000**



O estudo demonstra que, mesmo o complexo fenômeno da violência armada no Brasil pode ser explicado por meio das metodologias das ciências sociais e de saúde pública. E mostra que nenhum fator é responsável sozinho pela violência armada no país. Desta forma, possíveis intervenções e políticas públicas podem se beneficiar da integração das diversas abordagens e agências em um esforço multisetorial e em diversos níveis, que equilibre desenvolvimento social, suprimento e demanda de armas pequenas e a capacidade das forças de segurança. Para que as populações sob alto risco de violência armada sejam priorizadas, devem ser multiplicadas as oportunidades de educação e trabalho para os jovens e devem ser introduzidas estratégias de saúde voltadas para a prevenção da gravidez precoce e famílias com apenas um dos pais. ■